

# O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens melius  
ad destinatum persequor, ad brevium  
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesus

ID. 13. 14.



## D. JOÃO MARIA PEREIRA DE AMARAL E PIMENTEL

BISPO DE ANGRA

No dia vinte e sete de janeiro falleceu o Ex.<sup>mo</sup> e R.<sup>mo</sup> Snr. Bispo de Angra, gloria immorredoura do episcopado portuguez. Ais sentidissimos e lamentos sem conta saudaram a triste nova. A diocese de Angra verte amargo pranto sobre a campa sepulchral do seu venerando Bispo, e a historia dos Açores gravando em caracteres de fino ouro, n'uma pagina de honra, o nome verdadeiramente illustre do Virtuoso extinto, dirá ao reino de Portugal que o pranto d'esta diocese é incontestavelmente justo.

Durou dezeseite annos o seu episcopado: foi um continuo lidar pela gloria de Deus, e pela sanctificação do seu rebanho. Bispo dos Açores, desde 24 de janeiro de 1872 até 27 de janeiro de 1889, a vida do preclaro antistite foi um sol brilhante que passou por este archipelago, espadanando torrentes de luz que ali ficam a assignalar o seu episcopado como um dos periodos mais gloriosos que tem tido a Igreja d'Angra, desde a sua fundação.

Os mesmos, que tanta guerra lhe fizeram em vida, curvam-se reverentes perante a sua campa, e rendem homenagem a esta verdade incontestavel.

A reforma e morigeração do seu clero; o zelo pela sanctificação das suas ovelhas; a paciencia com que empreheceu, e o amor com que realizou a sua visita pastoral; a coragem que ostentou defendendo o sagrado deposito da fé; os extremos de amor pelo seu muito querido Seminario; a illustração, a sabedoria, o tacto governativo, tudo, tudo fez d'aquelle Prelado venerando um dos vultos mais proeminentes que tem cingido em terras de Portugal a mitra do successor dos apostolos! A sua vida era de um santo, e a sua morte foi como a sua vida.

Adoeceu gravemente a 13 de dezembro, e conheceu logo que morria, procurando na resignação e nos sacramentos força e armas para vencer na hora extrema, sem contudo deixar de pedir ás pessoas que o visitavam orações por caridade e suffragios para depois da sua morte. Por seis vezes pediu o officio da agonia que lhe era recitado pelos sacerdotes que lhe cercavam continuamente o leito; e sempre respondia a todas as orações com a fé mais ardente, e com a devoção e piedade que tanto o distinguiram!!!

N'um dos momentos mais dolorosos fez solemmissimas despedidas: deixou benções especiaes ao Reverendo Cabido, ao Seminario, ao clero, aos seus diocesanos muito amados, e especializando por fim todos os catholicos de Portugal que tomaram parte nos seus desgostos, quando o mal o guerreava no exercicio do seu munus pastoral. Transmittimos por meio do *Progresso Catholico* tão consoladora benção a todos os jornaes e a todos os bons catholicos, que por diferentes vezes promoveram religiosas manifestações de desagravo e respeito ao santo Prelado dos Açores. Os seus funeraes foram imponentissimos, subindo á tribuna sagrada um dos primeiros oradores d'esta diocese, o R.<sup>mo</sup> Vigario Dezembargador Antonio Marianno de Souza. S. Ex.<sup>a</sup> fez uma oração brilhante. Assistiram a este religioso acto as auctoridades e multissimo povo. Angra está consternadissima, e deplora por meio da sua imprensa uma perda enorme!

O testamento do Finado é uma verdadeira gloria, é uma apologia soberba. O principal herdeiro do Senhor D. João Maria Pereira de Amaral e Pimentel é o Seminario diocesano ao qual consagrou sempre o mais entranhado affecto, o mais sincero amor!!!

Foi um Prelado modelo... um verdadeiro apostolo, um grande santo. Pedimos aos leitores do *Progresso Catholico* algumas orações para suffragar a alma do Senhor Bispo d'Angra; é uma piedosa homenagem, é uma divida sagrada!!!.....

Descance em paz o trabalhador incansavel, que tanto brilho deu á Igreja Luzitana, não só pelo esplendor das suas virtudes, como pela profunda erudição que o caracterisava.

Angra.

M. F.



## TEIXEIRA DE FREITAS

Teixeira de Freitas já não existe. Desceu livido, os degraus do tumulo.

Em plena florescencia e pujança de vida, oscillou, e caiu exanime, no regaço da morte!...

E era um crente!

Era um forte!

Era um entusiasta!...

Apaixonado, pela grande causa, luctou como um heroe.

Ardia no mais acceso a peleja?...

Era-lhe a canceira insensivel.

Arriscavam-se, em contingencias, os seus honrados haveres?...

Era-lhe isso quasi indifferente.

Faculdades, saude, e interesses, tudo o que de melhor despunha, pozera, diremos antes, arrojara ao serviço da santa cruzada!

Francamente bom, religiôso e devotado, era o seu coração de eleito.

Provas? Pedir-nos provas?...

Ahi as tendes, e eloquentes.

Folheae, que fallam por elle, os 10 volumes do *Progresso Catholico*.

Elogia-se o jornalista, n'essa chronica de uma larga campanha, em prol da cruz.

Enaltece-se o catholico, n'esse gloriôso registro de prelios, em que, ao gume do escarpello, foram submittidas questões de palpitante interesse; e por onde eccôam accentos multiplos do eterno conflicto da verdade contra o erro, do direito contra a violencia, e do Evangelho contra a depressão moral de um seculo impio e corruptôr.

Grave, serena e elevada tribuna, o *Progresso Catholico* jamais desdisse da sua indole de austero palladino da Igreja.

Vigilante como uma atalaya, infatigavel como um fronteiro, e dedicado como um crente,—arredadas apaixonadas polemicas e severidades biliosas,—como raros jornaes catholicos, comprehendeu a sua complexa missão, em uma epoca, em que lettras e artes, philoso-

phia e sciencia se travam as mãos, em uma alliança de luz.

E essa feição, quem lh'a imprimiu? Quem lh'a zelou, por uma selecta collaboração de pensadôres?...

E porque um jornal não seja de molde, como o livro, para as questões de mais dilatado folego, Teixeira de Freitas editou uma extensa e interessante colleção de obras de propaganda religiosa, sobre cujo valôr, se pronunciou, sempre encomiastico, o episcopado do continente, das colonias, e do Brazil.

E, como editôr, ninguem operou prodigios, como elle. Eram um milagre industrial as suas edições!...

O *Progresso Catholico*, que, a principio, saiu a lume, em condições relativamente modestas, vêde como, aformoseado de melhoramentos, e copiôso de vantagens, se apresenta no mercado, por um preço, que ainda não atingiram os periodicos mais baratos do paiz!...

Não o tem desfavorecido a aura publica, e é hoje, por isso, largamente distribuido na Europa, Asia, Africa e America.

De formato elegante, bom papel e formôso typo, os seus livros venderam-se sempre, por um preço muito accessivel.

E não deu elle à estampa, quaesquer volumes sem valôr.

Por essa pratica, não despertaria o interesse do publico que lê, e muito menos chegaria a repetir edições.

O seu nulo era menos industrial, que evangelisadôr.

Uma vida activa e laboriosa, raro deixa de prejudicar as forças, e de comprometter a saude.

Vêzes que farte, do proprio leito, aonde o propellira a enfermidade, dirigiu trabalhos, preparou substancia para as secções, que se reservava, e aguentou a pesada fadiga de revisão de provas.

O que foi Teixeira de Freitas em familia?

O lar domestico é defeso, a investigações profanas.

Que o não fosse, e falaria do irmão e do filho, as lagrimas apaixonadas de duas irmãs amantissimas, e a angustia lancinante de uma mãe inconsolavell!...

Foi sempre o homem recto, o crente desassombrado, e o lutadôr, que conta, por menor galardão, os applausos da victoria, do que tombar, como martyr, envôlto nas pregas do pendão, que propugna.

E, na propria estacada, entre o tumulto dos que pelejam, em tórno do Calvario; sobrando-lhe mocidade, minguando-lhe, porem, alentos de vida, despedaçou a folha da espada, no quinal do sepulchro, empallideceu, e, arrastado às sombras do cyprestal, pelos braços regelados do archanjo funebre, reclinou a face no seio do Senhôr!...

Atravessando, por entre as ramarias, que pendem para a sua cruz, quantos lhe chamâmos amigo e correligionario, dobrêmos o joelho; dêmos aos labios o perfume da oração; e junquemos lhe a campã, das melhores flôres de reconhecimento e admiração, que possam desabrochar, em noss'alma!

Condecoram lhe, o leito final, laureis e corôas. *Bonum certamen certavi.*

Raras vêzes, mais cheia e menos curta, terá passado uma vida de catholico. *Cursum consumavi.*

Mas nem esquivava nem avara, por certo, terá sido para elle, a mão de Deus. *Fidem servavi.*

Descança, pois, em paz. *In reliquo reposita est mihi corona justitiæ.*

A tua actividade foi uma lição. A tua vida foi um sacerdocio bemdicto.

O teu exemplo, um apostolado!...

MATTOS FERREIRA.

SUMMARIO:—Secção Religiosa: *As Obras Moraes e Theologicas de Santo Agostinho*, por J. C. do Faria e Castro.—Secção Historica: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus*, 26.º, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção Litteraria: *Os dois Exercitos*, poesia, por A. Moreira Bello.—Secção Necrologica.—Retrospecto da Quinzena, por Virgilio de Senna.—Bibliotheca Romantica, 9.ª folha, *A Filha da Condessa*, versão de Mattos Ferreira.

## SECÇÃO RELIGIOSA

### As Obras Moraes e Theologicas de Santo Agostinho

(Continuado do n.º anterior)

(Do meu amigo conego da sé d'Evora, Alfredo Cesar d'Oliveira)

COM a escola academica, S. Agostinho não fez senão separar o mestre dos discipulos: elle fica o admirador fervente de Platão que elle associa á doutrina christã. Vejam o elogio que S. Agostinho faz do espirito philosophico:

«Duas forças concorrem para nos instruir, a auctoridade e a razão. A respeito do primeiro ponto, em nada quizera eu furtrar-me á auctoridade do Christo, porque eu não conheço outra mais forte. Ao que diz respeito a essa ordem de provas que se proseguem pela penetração da razão; como eu desejo assenhorear-me do verdadeiro, não só pela fé mas pela intelligencia, estou certo de achar nos platonicos muitas coisas que não repugnam aos nossos dogmas.»

Os dialogos ácerca da *Vida feliz* e sobre a *Ordem* tem o mesmo objecto: que os tres livros *Contra os Academicos*: o accordo entre a philosophia e a religião, Platão servindo d'introdução ao Evangelho. A conclusão rigorosa de S. Agostinho é a da razão e da fé:

«O homem não pôde ser perfeitamente feliz n'esta vida, visto que Deus é o objecto da sua felicidade e que elle não pôde conhecer Deus perfeitamente.»

A distincção entre os bons e os máus nas provas da vida moral é um modelo de subtilidade e de profundeza:

«A despeito da commum repartição dos males, os bons e os máus não se confundem na sua natureza, porque elles se confundem nos seus soffrimentos. . . Debaixo da acção d'um mesmo fogo, o oiro brilha e a palha fumeja; o mesmo flagello quebra o colmo e separa o trigo; o azeite não se mistura com a borra, embora que fornecido pelo pezo do mesmo lagar; assim o mesmo golpe ferindo ao mesmo tempo todos, flagella os bons, purifica-os e confedera-os; elle damna os máus, ruina-os e destrõe-os: n'uma mesma dôr, os máus amaldiçoam Deus e o blasphemam; os bons fundem-se em orações e em benções. Tanto importa não o que se soffre, mas de que coração se soffre! Pela mesma agitação

se libertam da borra os miasmas fetidos, como de um vazo de perfume um cheiro delicioso.»

\* \* \*

Os *Soliloquos* são o ultimo fruto do retiro que preparou a conversão de S. Agostinho. Interrogando-se a si mesmo e dando a si mesmo resposta sobre a sua natureza e os seus deveres, S. Agostinho excede a todos os philosophos. Vejam a proposito ácerca da realidade do ser pensante a bella passagem de S. Agostinho:

«Em nós mesmos reconhecemos uma imagem de Deus, uma imagem da Trindade divina: effectivamente, nós somos, nós conhecemos que nós somos e nós amamos este ser e este conhecimento. Ora, n'estes tres factos, nenhuma illusão abusa de nós; porque não acontece aqui como com os objectos exteriores que não distinguimos sem o auxilio dos sentidos. . . Sem nenhuma illusão de imaginação ou de fantasia, eu sei absolutamente que eu existo, que eu conheço e que eu amo meu ser. Esta certeza desafia todas as objecções dos Academicos. Pouco importa que elles digam: «Mas como! se tu te enganas.— Se eu me engano, é porque eu existo; quem não existe não pôde enganar-se. . . Como eu conheço que eu existo, eu conheço que eu me conheço; e emfim quando eu amo este ser e este conhecimento, este amor é um terceiro fructo d'uma igual evidencia que vem reunir-se aos outros.»

Em verdade, ao ver as expressões as mais caracteristicas d'esta pagina de S. Agostinho, como não pensarmos que foi d'ali que Descartes, o philosopho, teve a sua primeira inspiração no seu dito: Eu penso, logo eu existo?

Estudando o *eu moral*, S. Agostinho exprimira-se com tanta profundeza como clareza, d'este modo:

«Logo que o homem principia a reflectir sobre a natureza do seu espirito, não acha a verdade senão em si mesmo e elle acha não o que elle ignorava. senão aquillo que não percebia. Que seriamos nós pois effectivamente, se ignorassemos o que está na nossa alma. nós que nada podemos saber senão por ella? . . . Mas a alma que pensa tudo o que se pôde pensar, não pôde ver-se senão meditando-se. . . Esta vista da alma é conforme com a sua natureza, e logo que ella se medita, ella entra em si por uma reflexão insensivel. Se ella deixa de meditar-se, ella não se vê, mas ella sente-se como por uma

recordação que lhe ficara d'ella mesma.»

\* \* \*

Nunca, é de suppôr, nem um psychologo nem um moralista marcou com um traço mais franco, mais firme e mais justo, a linha de demarcação entre o animal e o homem:

«Vejamos em que se acha o ponto de junção entre o homem externo e o homem interno. Tudo o que nós temos de commum com a alimaria pertence ao homem externo. Effectivamente, não é sómente o corpo que cumpre chamar o homem externo, é egualmente todos os actos da vida que dependem do organismo.

Logo que as imagens dos objectos depositados na memoria revêem pela recordação, é ainda um acto que pertence ao homem exterior, porque os proprios animaes podem receber pelos sentidos a impressão dos objectos de fora, guardar-lhes a lembrança e ao depois, entre estes objectos, buscar o que lhes é util, evitar o que pôde molestar-lhes.

Mas nolar estas impressões e confal-as de proposito á memoria pela reflexão, de sorte que a memoria havendo antecipadamente fornecido materia á idéa, a idéa ao depois rebostecesse a memoria; dar o ser emfim a uma vista imaginaria dos objectos. . . este exame e todo outro semelhante, embora feito sobre os objectos sensiveis, não se faz sem a razão e ella não pertence senão ao homem.

A obra d'uma razão mais elevada ainda, é de julgar os objectos corporaes segundo as regras ideaes e eternas. Estas regras, se ellas não estivessem acima da razão humana, não seriam immutaveis.»

Portanto, para este profundo moralista, a analyse dos principios universaes da razão marca a raia entre o homem e o animal que se não eleva ao geral e ao universal; elle marca ao mesmo tempo o laço entre o homem e Deus, que é o ser em que se realiza o absoluto concebido pela razão humana.

Por hoje, ficaremos por aqui; no proximo estudo veremos o que diz S. Agostinho do *ideal*; e o que diz o philosopho no seu dialogo do *Mestre*, que principia pela investigação da relação entre as palavras e as idéas. E bem como tocaremos mui de leve no problema da *graça*, o que fez chamar S. Agostinho, o doutor da graça. E termina-

remos as *Obras Moraes*, para recomendar-nos nas *Obras Dogmaticas*.

(Continua).

J. C. de Faria e Castro.

## SECÇÃO HISTORICA

### Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

26.º

(Continuado do n.º anterior)

LII

#### P. Francisco Vavasour

**N**ASCEU este homem doutissimo em litteratura, celebrado pelas suas poesias e pela sua critica, em Paray (França), no anno de 1605, e na idade de 16 annos abraçou a regra de Santo Ignacio.

Ensinou humanidades e rethorica em diferentes collegios da sua Ordem, e em seguida por 7 annos explicou a Escripura Sagrada em Bourges.

Tendo fallecido no collegio de Clermont o sabio jesuita Diniz Petau em 1652, foi chamado para o substituir na cadeira de Escripura o P. Vavasour, logar que elle desempenhou dignamente, de maneira a não se sentir a falta do seu benemerito predecessor.

O jesuita Vavasour era perito na lingua grega e hebraica; mas dedicou-se com especialidade ao estudo do latim, que elle escrevia e fallava com uma rara elegancia. Morreu em Paris a 16 de dezembro de 1681.

Toda a collecção das suas obras, que é muito variada, consta de poesias sobre assumptos religiosos e sacros, commentarios a alguns livros santos, e tratados de instrucção, que tiveram grande aceitação nas escholas.

Alguns criticos dizem que o P. Vavasour era mais grammatico que poeta, o que não significa que ás suas poesias sejam destituídas de merecimento. Mas, como quer que seja, é certo que foi um homem sabio e muito laborioso.

E' de notar que, sendo natural da França, o P. Vavasour escrevia melhor em latim do que na sua lingua materna!

E mais notaremos que, applicando-se á litteratura classica, não deixou de escrever contra Jansenio.

LIII

#### P. João Eusebio Nieremberg

Nasceu este sabio e santo homem em Madrid, no anno de 1590; mas seus paes eram oriundos da Allemanha, co-

mo indica o seu cognome. Vestiu a roupa jesuitica em 1614, movido d'uma vocação irresistivel.

Para conseguir a sua admissão na Ordem de S. Ignacio, teve o joven João Eusebio de sustentar uma tenacissima lucta com seus paes que não queriam consentir na sua profissão religiosa, e procuraram todos os meios para o impedir. Chegaram a fazel-o sair do collegio da Companhia; mas alfim triumphou a sua constancia, entrando de novo, d'uma vez para sempre, com pleno consento da sua familia.

O P. Nieremberg passou o tempo unicamente no estudo e na oração, na observancia rigorosa dos deveres da sua congregação e ainda das praticas mais austeras. Por todos era reconhecido como um varão de santidade. Falleceu em Madrid a 7 de abril de 1658.

Os seus escriptos versam pela maior parte sobre theologia mystica: são uns em latim, e outros em hespanhol, mas acham-se traduzidos em diversas linguas. Alguns temos visto trasladados a portuguez.

São as obras de piedade d'este famoso jesuita perfeita imagem da sua alma, unicamente applicada á santificação de si mesmo e do proximo.

O P. João Eusebio Nieremberg é um dos auctores classicos no ensino da moral christã e da perfeição religiosa; e assim é a cada passo citado por todos os que se occupam de mystica.

Escreveu tambem elogios dos homens mais celebres da Companhia de Jesus, sobre a Origem da Escripura Sagrada e um livro que tem por titulo: *Curiosa philosophia e thesouro de maravilhas da natureza*. Esta ultima obra é muito procurada pelos curiosos.

LIV

#### P. Jacques Salian

Não só como auctor de muitas obras de mystica, geralmente estimadas, e em particular d'uma obra intitulada: *Annaes do Antigo Testamento* (que se compõe de 6 volumes *in-folio*), mas ainda como religioso perfeito, devemos mencionar o P. Jacques Salian, nascido em Avinhão, no anno de 1557.

De idade de 21 annos professou na Companhia de Jesus, onde se distinguio por sua sciencia, modestia, abnegação propria e zelo pela salvação das almas. Ensinou com geral applauso letras humanas, Escripura Sagrada e theologia na provincia de Lyon, e finalmente foi por muitos annos reitor do collegio de Besançon, onde morreu piamente a 23 de janeiro de 1640.

Foi, alem d'isso, distincto orador sagrado, com o que colheu grande fructo. A sua obra sobre os *Annaes do antigo*

*Testamento* é muito erudita, e revela a profundidade do seu genio.

LV

#### P. Ignacio Gastão Pardies

Este jesuita applicou-se com especialidade ao estudo das mathematicas e da physica, em que se tornou muito distincto, sendo consultado a este respeito por todos os sabios do seu tempo. E, supposto que algumas ideias que elle sustentou não sejam hoje admittidas, foi sem duvida um eminente mathematico, com relação á sua epocha, e mesmo hoje não deve ser despresado.

Nasceu o P. Pardies na cidade de Pau (França), em 1636, sendo filho d'um conselheiro no parlamento d'aquella cidade. Em 1652 fez profissão solemne na Companhia de Jesus, onde ensinou por muitos annos litteratura, philosophia e mathematica, que por ultimo foi o seu estudo predilecto, e pelo qual logrou grande reputação.

Chamado a Paris, foi professor de mathematica no Collegio de Luiz o Grande, sobresaindo entre todos os sabios do seu tempo, e ali morreu prematuramente a 22 de abril de 1673. A sua morte foi causada por uma molestia contagiosa que adquiriu em Bicetre, confessando e prégando por occasião das festas da Paschoa. Foi victima do seu zelo e abnegação; porque o P. Ignacio Pardies era tão bom religioso como distincto mathematico.

As suas obras são escriptas n'um estylo terso, conciso e puro, quer em latim, quer em francez.

LVI

#### P. João Baptista Villalpando

Nasceu em Cordova (Hespanha) em meados do seculo XVI. Ensinando por algum tempo a Escripura Sagrada e as mathematicas, dedicou-se em particular a interpretar os livros santos, no que se mostrou muito habil.

Por ordem de Philippe II, rei de Hespanha, trabalhou o jesuita Villalpando, durante 16 annos, em explicar os tres ultimos capitulos da prophacia de Ezechiell, que dizem respeito ao templo de Jerusalem. E' um dos livros mais profundamente sabios que se teem feito sobre os prophetas. Consta de 3 volumes *in folio*.

A descripção da cidade e do templo de Jerusalem é obra acabada, e é o que mais se estima n'esta producção magnifica, para a composição da qual se associou com o P. Jeronymo Prado, tambem da Companhia de Jesus.

Morreu este sabio jesuita a 22 de maio de 1608.

LVII

**P. João Estevão Menochio**

Este jesuita era filho do celebre juriconsulto de Pavia, Jacob Menochio, e nasceu na mesma cidade em 1576, entrando na Companhia em 1593. Ensinou theologia moral em Milão, e tambem regeu os collegios de Cremona e de Roma, e as casas professoras de Milão e de Genova.

O seu saber egualava a sua virtude, distinguindo-se principalmente como commentador da Escriptura Sagrada. A sua obra sobre este assumpto é notavel, sendo muito estimada por sua clareza e precisão.

O P. Menochio pôde tambem ser considerado como um dos primeiros e principaes publicistas modernos, mostrando o seu talento superior na obra que publicou com o titulo—*Instituições politicas e economicas*, tiradas dos livros santos: obra judiciosa, concludente, profundamente christã, com a qual se não podem comparar os escriptos dos mais famosos philosophos.

Falleceu este virtuoso e sabio jesuita em Roma a 4 de fevereiro de 1655.

(Continua)

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

**SECÇÃO LITTERARIA**

**OS DOIS EXERCITOS**

*Quis ut Deus?*

I

O campo de batalha é vasto: a terra inteira; Duas hostes em frente uma da outra estão; Revela cada uma o lema da bandeira: O livre-pensamento e o christianismo são.

A primeira, a da carne e da concupiscencia, Que na dissolução, na orgia se traduz; A segunda, a do bom, jejum e penitencia, Que o sacrificio expressa e a loucura da cruz.

Esta, a que ao homem duro ensina a humilhar-se Para, manso e benigno, aos ceos alim subir; Aquella, a que lhe ensina, altivo, a rebellar-se Por dominar a terra e os gozos seus fruir.

Uma, a que, da virtude impondo o predominio, De reconciliação lhe falla e puro amor; Outra, a que de odio atroz lhe falla e do exterminio, Insufflando-lhe orgulho, invejas e rancor.

II

Nos arraiais do torvo socialismo Ruge a rebelião; raiva a soberba; Blasphema a impiedade; o sensualismo Mancha, ultraja o pudor com mão proterva; A calunnia, a mentira a voz levanta, E a verdade maltrata pura e santa.

Em quanto infrene o livre-pensamento Insulta as crenças e a virtude infama, Da piedade escarnece o sentimento, Consciencia livre e livre amor proclama, A' sociedade guerra atroz declara, E a anarohia lethal feroz prepara;

Da choça humilde ao eminente solio A escumbros reduzir tudo ameaça, E, crendo a força do voraz petroleo Para a grande obra que medita escassa, Para que a immensa ruina precipite Se enthusiasma ante a *santa* dynamite:

Reina a virtude no arraial contrario; Teme-se e ama-se a Deus omnipotente; A alma do amor do proximo é sacrario; A abnegação é pratica corrente; Grave razão as más paixões reprime, Domina instinctos vis do vicio e crime.

Não sendo a terra a patria appetecida, Mas desterro, mas via á eternidade, Por peregrinação se tem a vida, Sendo seu termo a celestial cidade; E com paciencia lucha-se e inteireza Co'as miserias da humana natureza.

Nas amplas pregas da bandeira immensa Que desenove seculos abrange, De altos heroes de caridade intensa Se acolhe lucidissima phalange, Que em vez de o mundo desolar co'a guerra, Cem beneficios mil inunda a terra.

Na fronte mansidão, nos labios riso, No coração de amor ardente chamma, Buscam guiar á paz do paraíso As almas que o seu bom Jesus tanto ama; Nem precisões do corpo acaso esquecom, Entretanto que o espirito esolarecem.

Dos enfermos ao lado a vida passam; Tomam nos braços misera orphanado; O escravo dos grilhões desembaraçam; Prestam amparo á tarda ancianidade; Dura sorte mitigam da pobreza, Matam-lhe a fome, cobrem-lhe a nudeza.

Ao bem da humanidade consagrados, Não ha dificuldades que os detenham: Vendo povos em trevas abysmados, Em mostrar-lhes a luz da fé se empenham; A civilização levam d'est'arte Té aos confins do mundo, a toda a parte.

III

E as duas hostes se acham frente a frente; E' campo de batalha a terra inteira; Já reboea da lucha ecco fremente; Fluctua aos ventos uma e outra bandeira: Qual das phalanges cantará victoria? Qual dos pendões se cobrirá de gloria?

IV

Se a historia é mestra da vida, Os annaes da historia abri; Não seja a Biblia esquecida, A voz do Evangelho ouvi. Vereis que da Grecia um dia Audaz guerreiro sahia Que Alexandre se chamou: Ao seu furor de conquista Povo não ha que resista No terreno que pison.

Da Persia e Media o monaroha Do erguido solio abateu; Clara victoria lhe marca Toda a batalha que deu; Cada altiva fortaleza

Das armas suas é preza, Ou lhe solicita as leis; Ante esse raio de guerra Tombam na face da terra, Servos ou mortos, os reia.

Assim co'as armas cruentas O mundo correu veloz, E mil nações opulentas Despojou, calçou feroz; Os povos e os reis contrarios Sujeitos ou tributarios Prostrou soberbo a seus pés; E do poder no fastigio, Chefe de uma hoste-prodigio, A terra emmudecer fez!

Preza de orgulho profundo, Inchou-se-lhe o coração; Lamentou ser breve o mundo A' sua immensa ambição! Doze annos vence e domina; Depois... a garra ferina Da doença o submetteu: Eis encadeado o mollosso; Eis derribado o colosso; Agonizou e morreu...

E do Macedonio a gloria O que vale agora, o que é? N'elle apenas falla a historia, E o mundo esqueceu-o até! Na Europa, na Asia, no Egypto, Do seu poder infinito Não resta um vestigio só; D'aquelle invicto soldado Juntou-se á terra um punhado De mesquinho, ignoto pó!

V

Da velha Palestina Na branca Nazareth, Houve pobre officina Regida por José: Submisso, obediente, trinta annos vivia Alli, das paternas virtudes á luz, O Filho formoso da Virgem Maria, O candido Jesus.

Que vida de pobreza, Trabalho e mansidão Na funda singeleza D'aquella condição, No humilde Mancebo seus olhos quem orava? Prodigios saudassem-n'o embora ao nascer, Já tudo esquecera, que tudo obumbrava Tam infimo viver!

Um dia o Carpinteiro A campo sae tambem; De indomito guerreiro Trajar e armas não tem: E' simples a tunica; a espada que brande, Sublime palavra de santas lições; Com ella emprehende attrahir ao Deus grande Da terra as gerações!

Que exercitos famosos O acompanhassem quiz? Publicanos odiosos, E pescadores vis; E debeis mulheres que a lucha amedronta, E mil peccadores, horror dos hebreus: E com taes cohortes o mundo se intenta Conquistar para os Ceos?!

Os phariseus contrarios Mofam do *sonhador*; Rabidos mercenarios, Qual torpe malfeitor, Perseguem-n'o, e prendem-n'o, e arrastam-n'o em grita De duros juizes aos vis tribunaes; E expoem-n'o da plebe que infrene se agita A's irrisões brutaes.

Qual louco, soffre tratos,  
Opprobrios e desdeus,  
Da turba dos ingratos,  
Que lhe devem só bens;  
E é, qual triste escravo, cuspidado,  
Tá que, no patibulo infame da cruz  
De dois malfeitores no meio cravado,  
Expira o bom Jesus!

Do pobre Nazareno  
Tal o destino foi:  
Quem, vendo-o tam pequeno,  
O crera excoelso heroe?  
Pois bem: vencedor do sepulcro e do inferno,  
Reauro glorioso, immortal como Deus:  
Aclamam-n'o os seculos Rei sempiterno,  
O adoram terra e ceos!

## VI

Vós que da incorruptivel, vera historia  
A voz ouvistes já,  
Das duas hostes a final victoria  
Dize qual obterá:  
A que dos homens no poder confia,  
Ou a que espera no poder dos Ceos?...  
Esta, triumphante apoz rude porfia,  
Co'o Archanjo ha de cantar: «Quem como Deus?»

Porto—1889.

A. Moreira Bello.

## SECÇÃO NECROLOGICA



## FALLECEU

A não existe sobre a terra o Padre Anastacio Bazilino Alves da Silva; foi mais um benemerito que partiu para a eternidade.

Nasceu este bom sacerdote em Lisboa, e foi capellão cantor da celebre Patriarchal, por cujo motivo recebia a pensão de 15\$000 reis mensaes. Depois da sua extincção passou a Torres Vedras, aonde exerceu o magisterio por largos annos. Assistiu aos primordios do collegio de S. Fiel, onde lhe ardeu a melhor parte da sua livreria. Em outubro de 1860 entrou como professor de cantochão no seminario de Santarem, conservando-se ahi até 1872. Vendo então já bem assentes e estabelecidos os fundamentos da casa de Varatojo, e saudoso do tempo do noviciado que alli passára, d'onde o haviam arrancado crueis mãos, em nome d'uma liberdade que lhe negavam, quiz ser tambem um d'aquelles desengañados, que extendendo os olhos alem da campa, passam os dias d'esta vida mortal fazendo todo o bem que podem; assim este: *pertransiit benefaciendo.*

Conhecedor profundo da lingua latina, em cujo idioma escrevia pouco mas na linguagem d'um Cicerão, cantochanista celebre, amante apaixonado dos bons poetas, conservando de memoria muitas e bellas poesias dos nossos classicos; sacrificou todos os interesses, que facilmente podia auferir desejando tão somente passar os seus dias em paz, e ter uma velhice modesta e alegre no Senhor. Padre Anastacio gosava em Varatojo a vida mais independente do mundo, mas essa independencia puz-na-a elle ao serviço do seu coração generoso, de modo que por sua morte pouco deixou com que pagar o enterro. Recebia gratuitamente o sustento, como *onus* do seu trabalho n'aquella casa e despondo inteiramente de sua pensão vitalicia, achava com que distribuir largas esmolas, a todos que lh'as pediam.

Quantos pobres não vestiu elle, quantas esmolas, e mui avultadas, não distribuia ao perto e ao longe, ás claras e especialmente ás escondidas?! Foi assim que se apressou durante a vida em ajuntar thesouros para a eternidade, de maneira que dispondo de poucos recursos pecuniarios, pediu a um seu amigo que lhe fizesse o funeral por caridade! Era esta a sua virtude predilecta. Os pobres, os livros, os jornaes (dos quaes assignava 6), bem como os exercicios de seu ministerio, consumiram aquella vida robusta. Por fim, alquebrado pelos 84 que elle dizia serem a sua molestia, morreu como um justo, na paz do Senhor a quem servira, dispondo em seu testamento, que o pouco dinheiro que lhe encontrassem lh'o applicassem de missas; que os seus moveis lh'os mandassem para a Misericordia de Torres Vedras, e os seus livros para a collegiada da mesma villa. Assim se vão finando essas poucas reliquias d'um passado cheio de virtudes e menos egoista.

*Un ange de plus au ciel.*

A lousa da sepultura acaba de encobrir mais uma vez o cadaver de uma heroína do nosso seculo. A Irmã Margarida (1), da Congregação de S. Vicente de Paulo já não existe!

(1) Só depois de sepultada constou, que debaixo do humilde burel e do singelo nome de «Irmã Margarida» se escondia pessoa e nome illustres. Chamára-se no seculo Suzanna de Bornier e era irmã do Visconde de Bornier, poeta francez e conservador da bibliotheca de S. Genovefa (vulgo Pantheon) em Paris.

Após uma pneumonia que ha pouco a prostrara no leito rendeu a sua bella alma ao Creador na manhã do dia 7 de fevereiro.

Os pobres enfermos perderam n'ella uma mãe desvelada e carinhosa, as suas irmãs perderam uma companheira edificante e modelo de todas as virtudes do seu estado e a cidade do Funchal uma heroína... uma irmã da Caridade!

Morreu como tinha vivido. A cruz que durante a vida lhe adoçara os seus trabalhos e pezares foi ainda na morte a sua consolação e allivio!

Com os olhos no crucifixo, alentada com o Pão dos Anjos, no meio das orações de suas irmãs que a rodeavam e dos pobres enfermos que a bendiziam, voou aquella candida alma para o seio de Deus. Tivemos o prazer de orar junto do seu cadaver. A mão da morte parecia ter-lhe poupado todas as agonias d'aquella tremenda hora. Dir-se-hia que estava dormindo, ou ainda melhor, que aquelle cadaver frio e inerte estava animado da vida celestial.

As lagrimas assaltaram-nos os olhos, e não sabiamos se deviamos orar pelo descanso d'aquella Anjo da Caridade, se antes recommendar-nos e invocarmos a sua protecção. A sua vida e morte foi a de uma Santa; no entanto são-nos occultos os altos juizos de Deus. Piedosos leitores do «Progresso Catholico», suba uma prece de nossos corações ao throno do Eterno, e peçamos por alma da Irmã Margarida.

*Requiescat in pace.*

F. L.

Por fallecimento de sua mana, D. Maria do Rosario Carvalho, está de luto o nosso presado amigo e assignante, Padre Antonio de Carvalho, prior na freguezia do Salvador, em Santarem.

A perda da excellente senhora—victima de amolecimento cerebral—tem submettido a uma cruel prova, o coração profundamente affectuoso do nosso amigo, sacerdote exemplarissimo e um dos parochos mais considerados em Santarem, terra aliás difficil de contentar.

Em tão doloroso lance, apertamos a mão ao nosso respeitavel amigo, e imploramos dos nossos assignantes e leitores, uma oração pelo eterno descanso da finada.



Testamento de Sua Ex.<sup>a</sup> R.<sup>ma</sup> o Ex.<sup>mo</sup> e R.<sup>mo</sup> Sur. Bispo d'Angra, D. João Maria Pereira d'Amaral e Pimentel.

COPIA

Em nome da Santissima Trindade

Nós, João Maria Pereira d'Amaral e Pimentel, por mercè de Deus e da Santa Sé Apostolica, bispo da diocese d'Angra do Heroismo, querendo dispôr das nossas cousas para depois da morte, como entendemos ser nosso dever, e da vontade de Deus Nosso Senhor, depois de invocado o Divino Espirito Santo; e achando-nos em nosso perfeito juizo e liberdade, passamos a fazer o presente testamento de ultima vontade do modo seguinte:

Como Christão e Bispo catholico, posto que sem merecimentos, declaramos solemnemente que acreditamos em todos os mysterios da nossa santa Religião, e em tudo que ensina e manda crêr a santa madre Igreja catholica, apostolica, romana; e que n'esta crença protestamos, com o auxilio divino, viver e morrer; sujeitando-nos a dar por ella a propria vida, se tanto preciso fôr. Pedimos a Deus Nosso Senhor que pela sua infinita misericordia, e pelos merecimentos de Nosso Senhor Jesu-Christo se digne perdoar-nos todos os nossos peccados; ao Anjo da nossa guarda, aos Santos do nosso nome, aos da nossa devoção, e sobre tudo à nossa amavel e divina Mãe e Senhora, Maria Santissima, supplicamos que nos assistam durante a vida, e na hora da nossa morte, e sejam nossos bons protectores contra os inimigos da alma.

A todos agradecemos a grande protecção que nos tem prestado, e sobre tudo à nossa amavel e divina Mãe, Maria Santissima, as grandes e espezias graças, que, sem merecimento nosso, nos tem dispensado em toda a nossa vida.

Ao nosso Muito Reverendo Cabido, mais Clero e Fieis d'esta nossa Diocese pedimos desculpa de todas as faltas, que não obstante os nossos bons desejos de acertar, commettessemos no exercicio do nosso sagrado ministerio. E a todos rogamos queiram suffragar nossa alma com seus sacrificios e orações.

Declaramos que pelo amor de Deus perdoamos aos nossos inimigos todas as offensas que nos tiverem feito; as quaes temos a consolação de poder affirmar que foram immerecidas; porque nunca tencionámos offender ou fazer mal a pessoa alguma; nem aos nossos perseguidores e inimigos.

Não obstante isto, se alguém de Nós

se considerar offendido ou escandalizado, lhe pedimos humildemente perdão. — Em quanto ao nosso sagrado ministerio e funcções publicas, que em toda a nossa vida exercemos, procurámos sempre obrar segundo os dictames da nossa consciencia, superior a todos os respeitos e paixões humanas. Se algumas vezes não acertámos, leve-se. Nos em conta a boa intenção.

A nossa cara Irmã D. Maria Leopoldina de Amaral e Pimentel, se ainda viver quando Nós fallecermos, e a todas as pessoas a quem devemos affecto particular, pedimos se não magoem com a nossa morte, na esperança de que, pela misericordia divina, e alta protecção de nossa amavel Mãe e Senhora, *Maria Santissima*, iremos alcançar na outra vida o descanso e felicidade que não encontramos n'esta terra de desterro. Para isso contamos com as suas orações e suffragios. E lhes pedimos que procurem viver de tal modo n'este mundo de illusões, que possamos juntar-nos todos no Céu. Recebam as nossas affectuosas despedidas e a paz do Senhor fique com todos.

Agora passamos a dispor do nosso pio d'alma da maneira seguinte:

Queremos que se proceda ao nosso funeral e enterro, segundo as leis da Igreja, usos e costumes em taes casos, e que por occasião do enterro se dêem as competentes esmolas aos pobres, a arbitrio dos nossos testamenteiros.

Queremos que o nosso cadaver seja sepultado no jazigo que mandámos fazer no cemiterio publico d'esta cidade.

Queremos que por nossa alma, isto é em remissão das penas do Purgatorio que tivermos de soffrer pelos nossos peccados, se celebrem *cem* missas; e *duzentas* em satisfação dos nossos encargos, tendo-os; e não os tendo, serão applicadas por nossa alma, como as primeiras *cem*.

Mais queremos que sejam celebradas as seguintes missas: *tres* em honra de N. Senhora, em dias que possam ser celebradas como votivas; outra missa em honra de S. João Baptista; outra em honra do Anjo da nossa guarda; outra em honra dos santos anjos; outra em honra de S. José; outra em honra do bemaventurado João Baptista Machado; outra em honra de S. Pedro, de S. Paulo, e de todos os Apostolos; outra em honra dos Santos Confessores Pontifices; outra em honra dos Santos Confessores não Pontifices, e outra em honra das Santas Virgens, Martyres e não Virgens. Mais queremos que por alma do nosso Pae e da nossa Mãe sejam celebradas *cincoenta* missas; por alma de nossos Avós, Irmãos e Tios, outras *cincoenta*; que por alma do

nosso Tio Fr. Simão José Botelho Doudo e Pimentel, em particular, sejam celebradas *dez* missas; e pelas almas do Purgatorio, *cincoenta*.

E' nossa vontade e intenção que o fructo d'estas missas que não poder aproveitar às almas a que for applicado, aproveite às outras mencionadas, segundo a ordem da justiça e caridade. Estas missas serão todas de esmola de quinhentos réis moeda insulana; e desejamos que sejam celebradas pelos nossos testamenteiros, e em altar privilegiado, as que forem por defunctos, se for possível.

Em o numero de missas por nossa alma entrarão as que forem celebradas por occasião do nosso funeral.

Queremos que em suffragio por nossa alma se dêem quatrocentas esmolas de duzentos e quarenta réis cada uma aos pobres mais necessitados da ilha Terceira, sendo distribuidas pelas freguezias d'ella, na proporção da sua população, e entregues aos rvd.<sup>os</sup> parochos para as repartirem segundo lhes dictar sua consciencia; recommendando a cada pobre reze por nossa alma ao menos um Padre Nosso e Ave Maria.

Queremos tambem que pelas familias mais necessitadas da freguezia da villa de Oleiros, nossa patria, sejam distribuidas *cincoenta* esmolas de quinhentos réis cada uma; sendo a distribuição feita por nossa Irmã, se ainda for viva; e não o sendo, pelo rvd.<sup>o</sup> parochos respectivo, com a mesma recommendação dos suffragios.

Não tendo Nós herdeiros necessarios, e havendo adquirido quasi todos os nossos bens por via de beneficios ecclesiasticos, dispomos dos bens que nos pertencem, dividindo-os em legados da maneira seguinte:

Declaramos primeiro que tudo, que, tendo Nós promettido a nossa Irmã D. Maria Leopoldina do Amaral e Pimentel, por occasião do seu casamento, a terça de nossos bens, tal doação não foi insinuada, segundo a legislação que vigorava n'esse tempo (21 de janeiro de 1861); e por tanto foi nulla no que excedeu a 360\$000 réis, e como tal a declaramos. Em compensação porem deixamos à dita nossa Irmã D. Maria Leopoldina de Amaral e Pimentel os bens que possuímos na freguezia de Oleiros, tanto moveis como de raiz; de que deixaremos declaração. E mais lhe deixamos o uso-fructo em quanto viva fôr, de dois titulos de cinco acções do Banco de Portugal, cuja propriedade deixamos à Irmandade da Misericordia da mesma villa e à confraria do Santissimo Sacramento da Igreja Matriz com as seguintes condições:

A' irmandade da Misericordia ficará pertencendo um dos titulos com obrigação de applicar o seu rendimento

annual ás despesas da procissão dos Passos do Senhor, que n'aquella villa se fazia com grande esplendor, e desejamos continue a fazer-se. E o outro titulo ficará pertencendo á confraria do Santissimo Sacramento, para ser applicado o seu producto annual ás despesas da Semana Santa, que estão a cargo da mesma confraria; desejando nós que as solemnidades da Semana Santa sejam alli feitas todos os annos. Se porem em algum anno estas não poderem ter lugar, queremos que o rendimento do titulo que para ellas devia ser applicado se entregue á administração da Santa Casa da Misericordia para ajuda das despesas da procissão dos Passos. E pelo contrario, se em algum anno esta se não poder effectuar, ordenamos que o rendimento que lhe era applicavel seja entregue á confraria do Santissimo Sacramento para as despesas da Semana Santa. E se nenhuma d'estas funcções se fizer, queremos que o rendimento d'estes dois titulos seja distribuido em esmolas a doentes e pobres desvalidos, cegos, ou aleijados e que se lhe não dê outra applicação.

Queremos que cada uma das ditas associações, Misericordia e Confraria, mande celebrar uma missa por nossa alma no anniversario do nosso fallecimento ou no primeiro dia desimpedido em todos os annos, convidando para a ouvir os confrades da corporação.

Deixamos a propriedade da nossa Quinta do Immaculado Coração de Maria, sita no caminho de baixo, á Estrella, que consta de casa nobre, cavallariça, casa de recreio, pequena estufa, terras, vinha e arvORES, á Mitra d'esta Diocese, para os Prelados d'ella poderem da mesma quinta tomar banhos do mar, e n'ella se recrearem. Reservamos, porem, e deixamos o uso-fructo da mesma Quinta, sua casa e accessorios ao nosso Secretario, presbytero Manuel Maria da Costa, pelo bem que nos tem servido e affecto com que nos tracta, durante sua vida; comprehendendo o dito uso-fructo os moveis, quadros, e relogio do cuco, viveres, vasilhame que na casa e quinta existirem por occasião do nosso fallecimento, incluindo o leito da cama do nosso uso, e a capella, que queremos seja conservada como se acha, devendo passar para nossos successores a dita Quinta, e tudo que Nos tiver pertencido e existir por occasião do fallecimento do dito nosso Secretario.

Declaramos que tudo que existir no Paço Episcopal d'Angra do Heroismo, quando Nós fallecermos, ficará pertencendo á Mitra d'esta diocese, excepto a typographia estabelecida n'uma casa annexa, a qual pertence, assim como todos os seus accessorios, papel de impressão, e impressos n'ella feitos, ao

nosso familiar, presbytero Antonio Maria Ferreira.

Alem d'isto declaramos que no mesmo Paço existem objectos de que temos disposto em vida, e outros pertencentes aos nossos familiares e criados, os quaes tirarão, sem que a isso alguem se opponha, porque são incapazes de se apoderarem do que não for seu. Do que ficar pertencendo á Mitra se fará inventario, segundo as declarações dos nossos testamenteiros.

Pedimos ao nosso Successor queira encomendar nossa alma a Deus Nosso Senhor em seus santos sacrificios e orações, e mandar celebrar todos os annos um officio de defunctos pela mesma intenção.

E o mesmo pedimos aos seus Successores em recompensa dos bens que lhes deixamos para gosarem.

Deixamos ao Seminario d'esta nossa Diocese d'Angra as obrigações de credito predial, quaesquer acções de Banco ou Companhias que nos pertencerem, alem dos titulos de cinco acções do Banco de Portugal, já mencionadas, e que deixámos á misericordia de Oleiros, e á confraria do Santissimo Sacramento da mesma Villa.

E igualmente deixamos ao dito Seminario o direito de receber quaesquer legados que caducarem, por morrerem os legatarios antes de Nós, ou por os não acceitarem, assim como todos os mais bens que possuirmos, e de que se não fizer menção no presente testamento; assim como lhe deixamos todo o dinheiro que restar depois de satisfeitas todas as despesas e legados, segundo as instrucções dadas aos nossos testamenteiros.

Igualmente deixamos ao mesmo Seminario o direito de cobrar e receber as dividas activas que Nos são devidas de que deixaremos nota.

Fica, porem, onerado o Seminario com o encargo de mandar celebrar em todos os mezes, para sempre, uma missa rezada por nossa alma, a que assistirá a Comunidade, no dia correspondente ao do nosso fallecimento, ou no primeiro dia que mais commodo for, e um officio de defunctos de nove lições, com a competente missa e absolvição, em todos os annos, no anniversario do nosso fallecimento ou no primeiro dia desimpedido.

Queremos e ordenamos que pelos nossos bens sejam satisfeitos os seguintes legados:

A cada um dos filhos ou filhas que existirem de João Baptista e de seu irmão Pedro, do logar do Dão, na freguezia de Oleiros, nossos Tios, Irmãos que foram de nossa Avó paterna, queremos se dê a quantia de doze mil réis; e aos filhos ou filhas d'estes, e netos d'aquelles, a cada um seis mil réis.

Igualmente queremos que a cada um dos filhos ou filhas de nossa prima Rozalia, já defuncta, da Pavoia de Rio de Moinhos, no campo de Castello Branco, se dê a quantia de seis mil réis.

Mais deixamos os seguintes legados pecuniarios:

Ao beneficiado João José Augusto Dias, e a cada uma de suas tres Irmãs, da cidade de Leiria, cincoenta mil réis. A Maria, criada que foi do conego Urbano, da dita cidade, doze mil réis; a Maria de Jesus, dos Marrazes, suburbios da mesma cidade, doze mil réis; ao nosso compadre Manuel do Nascimento Abel, da cidade de Bragança, doze mil réis; aos Asylos de Mendicidade e de Infancia Desvalida d'esta cidade d'Angra, a cada um cincoenta mil réis; ao recolhimento de Jesus Maria José, d'esta mesma cidade, trinta mil réis para serem distribuidos pelas recolhidas existentes por occasião do nosso fallecimento.

A's seculares que existirem no convento de S. Gonçalo, d'esta cidade, a cada uma seiscentos réis; a Antonio Tavares Ferreira, d'esta cidade, pelos bons serviços que Nos tem feito, e esperamos Nos fará por occasião do nosso fallecimento, lhe deixamos trinta mil réis; a Salvador Teixeira de Azevedo, typographo, vinte mil réis; a Francisco Luciano da Costa, ou a sua mulher, quinze mil réis; ao nosso escudeiro Francisco Mendes da Rocha, se estiver ainda na mesma posição quando fallecermos, deixamos cincoenta mil réis de gratificação. Se outro for o nosso escudeiro quando fallecermos lhe deixamos dezoito mil réis, e ao cozinheiro doze mil réis.

Ao criado de recados e ao quinteiro deixamos a cada um dez mil réis.

Mais deixamos aos Asylos de Infancia Desvalida d'esta cidade, aliás, aos Asylos de Mendicidade da Villa da Praia da Victoria, d'esta ilha, e de Infancia Desvalida da cidade da Horta, a cada um trinta mil réis; a cada uma das pessoas que assistirem no antigo convento da Gloria, da dita cidade da Horta, quando fallecermos, seiscentos réis; ao nosso antigo escudeiro Eduardo Antonio Maria Simas, doze mil réis; ás nossas lavadeiras Maria Leonor Martins e Augusta Candida Martins, a cada uma seis mil réis.

Mais deixamos ao collegio das Missões Ultramarinas, de que fomos Superior, um Titulo de cinco acções do Banco de Portugal, com obrigação de se celebrar em todos os annos na igreja do mesmo collegio, uma missa de requiem, cantada, no dia anniversario do nosso fallecimento, ou no primeiro desimpedido.

Finalmente queremos que no anno do nosso fallecimento se dê a quantia

de cincoenta mil reis para o Dinheiro de S. Pedro.

Declaramos que as quantias mecionadas, que forem satisfeitas no continente serão pagas em moeda forte, e as que o forem n'este archipelago, em moeda fraca corrente.

Nomeamos nossos testamenteiros os presbyteros Manuel Maria da Costa, nosso Secretario particular, e Antonio Maria Ferreira, nosso familiar; aos quaes pedimos queiram tomar sobre si este encargo, e queremos que se apossem de todos os bens que Nos pertencerem logo depois do nosso fallecimento, excepto dos existentes em Oleiros, e os administrem até darem cumprimento ás disposições d'este testamento, e instrucções que lhes dermos, podendo, se fôr necessario, vender ou distractar quaesquer capitaes, juros ou dividendos, para satisfazerem os legados e encargos do presente testamento, e cumprirem a nossa ultima vontade.

O tempo que marcamos para o cumprimento das disposições do presente testamento é de tres annos. Entretanto os ditos nossos testamenteiros ficam por Nós encarregados de cobrarem todas as dividas activas de que formos credor, e de Nos representarem em juizo em quaesquer pendencias ou causas que possam suscitar-se sobre a execução das disposições do presente testamento.

Das dividas activas que cobrarem receberão a decima parte pelo seu trabalho. Na sua falta, ou passados os tres annos da administração dos ditos nossos testamenteiros, passarão as suas attribuições e poderes para os nossos Successores, aos quaes pedimos os queiram exercer, por si ou pelo vice-Reitor do Seminario, até inteira execução do presente testamento.

Os ditos nossos testamenteiros ficam por Nós authorisados a dispôr como bem lhes aprouver da roupa do nosso uso, excepto das vestes pontificias; e alfaias de pequeno valor; segundo as instrucções que lhes dermos.

Tendo nós disposto em vida d'alguns objectos, dos quaes poderão existir ainda alguns em nosso poder na occasião do nosso fallecimento, e tendo os ditos nossos testamenteiros muitos moveis e alfaias próprias no Paço, sendo aliás incapazes de quererem o que lhes não pertencer, queremos e ordenamos que ninguem lhes peça conta dos nossos bens, a não serem os legatarios de seus respectivos legados e a Auctoridade Publica da satisfação dos legados pios.

A conservação e reparos da nossa capella funeraria do cemiterio do Livramento fica a cargo dos nossos testamenteiros; e findos os tres annos da sua administração, ficará a cargo do Semi-

nario Diocesano, sob a inspecção e cuidado dos nossos Successores.

Declaramos que todos os bens que deixamos ao Seminario d'esta Diocese d'Angra, são para a dotação permanente do mesmo, e não para se gastar em despesas correntes.

E recommendamos aos nossos Successores que elevem a mesma dotação, capitalizando as novas doações e juros vencidos pelo menos á somma de vinte contos de réis, para que possa render annualmente um conto de réis.

Se o governo não conceder licença para que a nossa Quinta do Immaculado Coração de Maria seja propriedade da Mitra d'esta Diocese, depois do fallecimento do nosso Secretario, o presbytero Manuel Maria da Costa; ou se em algum tempo pertender vendê-la, queremos que por esse facto fique pertencendo ao Seminario d'esta Diocese.

(Continua).

## Aos nossos bondosos assignantes

*De novo recommendamos que quando haja de fazer-se qualquer alteração na direcção da nossa Revista, nos indiquem sempre os dois numeros que tem a cinta, ou mandar esta, o que é melhor, sem o que não poderemos attender a reclamação que se nos faça, e não podem culpar-nos por que a falta provem do não cumprimento d'esta nossa determinação.*

*Teixeira de Freitas.*

### RETROSPECTO DA QUINZENA

**A**s Filhas de Maria mandaram celebrar, no templo do Campo da Feira, uma missa para suffragar a alma do finado Teixeira de Freitas, administrador do «Progresso Catholico». Aquellas virtuosas Senhoras commungaram todas pela mesma intenção. A redacção agradece.

O valoroso soldado da boa causa, o defensor indomito d'esse punhado de heroínas que tantas benemerencias quotidianamente derramam sobre esta catholica cidade, tinha direito incontestavel e incontestado, áquella piedosa fineza! Quando elogiava ou defendia as filhas da caridade, como elle lhe chamava, as armas do Lidador eram sempre ramalhetes de rozas.

Segundo presumimos Elle deve estar no ceo; era bom e generoso, era crente, era christão.

Orem, pois, as Filhas de Maria pelo amigo sincero e dedicado: e como paga, Teixeira de Freitas pedirá a Deus muita graça para as pessoas que o não esquecerem agora.

A redacção recebeu muitas cartas de varios amigos do «Progresso Catholico», nas quaes demonstram nitidamente a dôr que os pungiu ao lerem em diversos jornaes a infausta nova, e alem d'isso traduzem, em termos muito li-songeiros, o receio de que esta revista termine, ou se desvie da verdadeira rota. Agradecemos a condolencia de tantos amigos, e o conselho de tão respeitaveis talentos. Não termina, nem se apartará um apice do seu antigo programma.

A nossa bussola é a mesma, é a fé; o nosso farol rutila do mesmo modo— é Jesus. Mas... infeliz do barquinho que singra com um marinheiro apenas!

Porisso, e só porisso, pedimos encarecidamente aos dignissimos collaboradores do «Progresso Catholico» que o não olvidem, que o não desprezem. Morreu Teixeira de Freitas, administrador d'esta revista religiosa; mas a causa que elle defendeu vigorosamente, só terminará quando o Globo soltar o ultimo arranco deante das iras do Eterno. Teixeira de Freitas era, como sabem os talentosos collaboradores, um energico emprehendedor, um amigo intimo do clero, uma alma generosa, um catholico ás direitas. A redacção chora amargamente a perda d'um companheiro valentissimo, d'um campeão denodado e aguerrido.

Porem que nos resta? que devemos fazer? Orar pela alma do collega extinto, e depois... de enxugarmos as lagrimas, caminhar sempre. Estamos, pois, na mesma estacada, á sombra da mesma bandeira, usando da mesma tactica, brandindo as mesmas armas, fleis, sempre fleis á voz do mesmo General. Desejamos do fundo da nossa alma ver em volta de nós, os mesmos batalhadores que brigaram heroicamente ao lado do nosso amigo Teixeira de Frei-

tas. Assim o esperamos, porque os cobrecemos muito bem.

Participamos a uns *illuminados* que vivem alli para as bandas de Barcellos, um acontecimento muito agradável, muito pitoresco, muito *raão*. É um caso engraçadissimo que, se não prima pela originalidade, interessa ao menos pelo *abuso*, pelo *escandalo*.

Se me lembrasse a tempo, os *mininos* vinham di lá para cá pôr tudo em pantanas.

Eis o *nefando caso*!!!!

Em S. João de Ponte, freguezia pouco distante da cidade de Guimarães, houve uma missão imponentissima, dirigida pelo nosso amigo Padre Carlos, intelligente e virtuoso ornamento do pulpito portuguez. Foi coadjuvado n'aquella civilizadora tarefa por alguns sacerdotes de incontestavel zelo. Uma Senhora de Guimarães, muito conhecida, tanto pelas suas virtudes, como pela sua posição, não teve pouco trabalho para que os obreiros de Jesus fizessem uma colheita de flores nos jardins da vida, matizados de espinhos e cardos. Deus saldará contas com Ella, porque Deus é um bellissimo pagador. A missão foi iniciada com bons auspicios, graças á Virgem Immaculada; uma affluencia es pantosa corria quotidianamente a ouvir a divina palavra. No fim de oito dias um numero avultado de crianças de ambos os sexos, eram oitenta, devidamente dispostas, foram contentes e jubilosas, ajoelhar pela vez primeira á Meza dos anjos. Na quinta feira (14) houve um sermão, chamado dos Perdões, que foi escutado por uma multidão de crentes: n'esse dia de prazer e de lagrimas ficaram quasi despovoadas as aldeas visinhas, e esta cidade tambem deu um contingente soberbo. Reconciliaram-se muitos individuos que, por largos annos aquem, mantiveram reciprocamente odios ferinos. Alem dos sermões de tarde, havia pratica e oração mental ás 5 horas da manhã. Nem a chuva, nem o frio, nem a densa treva, impediam aquelle bom povo de correr ao templo, quando vibrava no espaço a voz eloquente do bronze. Quem visse deslizar tanta gente pela encosta das serras em cordões de luzes, teria medo, se não soubesse que n'uma Igreja perto fallava ás massas um soldado da cruz. A conclusão da missão foi literalmente magistosa. Surprehendia o recolhimento, a santa commoção com que os fleis recebiam o Pão dos Fortes. A communhão era interminavel. O notavel Padre Carlos partiu contente, talvez para uma outra faina, e aquelle bom povo que o escutou no auge do

maior fervor, deplora ainda a ausencia saudosa do Missionario!

.....  
Que dizem a isto os decantados *amigos da liberdade* microbio? No ultimo quartel do seculo dos murrões ainda se toleram abusos d'esta ordem? É o cumulo da impudencia! Ah! se tal succedesse em Barcellos, haviamos de ver quem lavava na fonte!!!

A liberdade é para os *espiritos fortes*! para os catholicos grillhões e aleives. Bravo! mas emquanto existir a cruz, haveis de ter a dor.... e a escravidão no *espirito*....

O snr. Guilherme Dias dá licença? Entre! Ora essa... Um protestante, e de mais a mais apostata, diz sempre que sim.

Então que ha de novo?

Algumas novidades.

Cahiu o governo? suicidou-se alguem? temos casamento civil? algum baptismo á nossa moda? diga lá homem, desembuche!?

Nada d'isso, meu amigo, leia estas tristes noticias, insertas n'este jornal damninho.

O ex-padre Guilherme Dias leu, tremendo de colera, as tres noticias seguintes:

\* \* \*

#### Uma conversão

O *Vaterland*, de Lucerna, annuncia que o snr. F. Speiser, doutor em philosophia, irmão do snr. Speiser, membro do governo do cantão Bâleville e um dos chefes do partido protestante e ultra-conservador, depois de ter abjurado a heresia, vae entrar no seminario dos Padres Jesuitas em Innsbruck para alli estudar theologia. Bâte ou Basilea, outr'ora baluarte da heresia, contra hoje 50:355 protestantes e 22:426 catholicos.

\* \* \*

#### A Universidade de Washington

Os estatutos da Universidade de Washington podem ser considerados como approvados pela Santa Sé. O Papa, querendo dar um testemunho brilhante da sua sympathia e animação a esta obra d'alta cultura, tinha-os mandado *submitter* não á Congregação dos Estudos, mas á Congregação da Propaganda, assim d'apressar esta approvação.

Monsenhor Keane, o eminente reitor d'esta Universidade, ficou muitissimo agradecido por isto. S. ex.<sup>a</sup> rev.<sup>ma</sup> partirá logo que a approvação seja official.

\* \* \*

#### Novo jornal catholico em Berlim

Acaba d'apparecer um novo jornal catholico em Berlim, a *Makische Volkszeitung*.

A direcção declara que o novo jornal não tem a intenção de fazer concorrência á *Germania*. Dirige-se aos catholicos de Berlim e dos arredores, que tem necessidade d'um órgão barato.

Os jornaes catholicos dizem que esta orientação do jornal não corresponde de modo algum ás esperanças dos jornaes liberaes, que diziam que o novo órgão se poria em opposição com o Centro.

A *Gazeta Popular da Colonia* diz que talvez esses jornaes tenham informações particulares sobre a politica do novo jornal, politica que a redacção julga conveniente não affirmar ainda.

.....  
Isto não presta para nada, meu querido *noviço*!

Não?! mas o vosso sorrir é amarello? É meu costume quando leio qualquer escripto catholico.

Vou livrar-te de prejuizos; quero que oiças a verdade toda.

Speiser, doutor em philosophia é provavelmente um hystericico...

Esse provavelmente tem certa graça...

Não cortes o fio da conversa, homem. Falle, falle.

E se não é hystericico, é um larvado monumental, é um doido, um estúpido. Que mais queres?

Mas o Snr. Guilherme Dias ainda ha pouco lhe chamou philosopho?

Pois é porisso mesmo que é estúpido, elevado á decima quinta potencia.

Mau!!! Então no protestantismo não ha logica?

Nenhuma, nenhuma...

Bem, Senhor, estou muito satisfeito. Espere.

Relativamente á Universidade do Washington, a culpa é do reitor, do tal Monsenhor Keane, um rematado patife!!! Hei de recommendal-o ao thio Joaquim Martins de Carvalho.

O Snr. ouvirá.

Emquanto ao novo jornal catholico, publicado em Berlim, talvez seja uma grande peta, um verdadeiro logro...

Esse talvez tem bastante merecimento!...

Não lhe parece, amigo Guilherme?

Ora ao Senhor deu-lhe hoje para birrar com quantos adverbios emprego?

Parece-me um catholico ferrenho, um fanatico insupportavel!...

Não se encommode amigo Guilherme: vou retirar; mas creia que não enguli o rato.

Por caridade apenas digo que foi V. Ex.<sup>a</sup> que o enguliu; por cautella engu-

la agora um gato, se quizer viver os seus dias acabados!.....

A visita sahi precipitadamente, deixando o sabio das duzias com uma cara de caso, como diz o nosso povo. Levanta-se de um pulo da sua cadeira, e muito viradinho para o busto do amante de Catharina de Borra, brada desesperadamente: será elle um padre jesuita!

Paciencia, paciencia padre Dias!  
São lances da fortuna...

«Uma voz eloquente contra o atheismo.—Os jornaes francezes trazem o resumo d'uma conferencia feita em Lilla pelo celebre Julio Simon sobre a educação. O velho ex-ministro republicano insistiu sobre um elemento da educação de que a sociedade moderna desgracadamente não quer preoccupar-se. «O homem, disse Mr. Julio Simon, não deve tratar só de viver. Ha em nós uma moral que deve apoiar-se em alguma cousa: a noção d'uma outra vida, a noção d'um Deos». Terminou dizendo: «A França não escutará os sectarios que pretendem que nada subsiste depois da morte; a França não dará mais ouvidos áquelles que limitam a sua fé a crer que dois e dois fazem quatro: ella saberá preparar uma geração poderosa e forte de homens e de soldados, promptos para sacrificar-se pela patria e por Deos».

Diga-nos alguma cousa a tal respeito, snr. Martins de Carvalho. Custa-lhe? Talvez s. ex.<sup>a</sup> quizesse antes comer uma melancia em janeiro!

São lances da fortuna...

O sr. prior Januario Mendes Ferreira escreve á *Esquerda Dynastica* uma curiosa carta sobre a cura da hydrophobia, da qual extrahimos os seguintes periodos:

«Eis o caso: Vive no concelho de Ferreira de Zezere, n'um casal chamado o Rio Fundeiro, uma viuva, pobre e rustica, que tem salvado dezenas e dezenas de pessoas mordidas por animaes hydrophobos. Se lhe fallarem no virus rábico, nas inoculações, etc. etc., a mulhersinha fica-se pasmada, porque ignora o que esses nomes significam. Apenas entende a sua mésinha, coisa de que sabios e ignorantes costumam rir-se.

Se a palavra de um pobre e ignorado parochio vale, porém, algum credito, eu empenho a minha, perante v. e o publico affirmando que a pobre mulher tem salvo muita gente mordida, não só por cães, como por outros animaes atacados de raiva.

Algumas pessoas tem ella curado, que lhe foram pedir soccorro 8 dias depois de mordidas.

E está n'isto a enorme vantagem do seu curativo.

Póde o resultado falhar, que as coisas humanas não são infalliveis.

Fallem, porém, os afflictos, que ella socegou, e que lhe devem a vida, que não são poucos.

Por mim, em taes conjuncturas entregar-me-ia antes á mézinha da rustica que á inoculação do sabio.

E' sempre conveniente que a pessoa mordida por animal raivoso se apresente com toda a brevidade, embora a mulhersinha se responsabilise pelo infeliz, ainda 8 dias depois de mordido como já disse. Demais, em taes transe, toda a demora é prejudicial.»

Virgilio de Senna.

## ANNUNCIOS

### O MEZ DE S. JOSE

A VIOLETA DE MARÇO

VERTIDO D'UM LIVRO ALLEMÃO

POR CARLOS H. PIEPER

REVISTO PELO

dr. theologo Domingos de Souza  
Moreira Freire

Com permissão do Em.<sup>mo</sup> Snr. Cardeal  
D. Americo, Bispo do Porto

Editor, José Fructuoso da Fonseca

PREÇO, brochado . . . . 100 REIS  
" encadernado . . . . 160 "

#### A' VENDA

NO PORTO—Em casa do editor, rua da Picaria, 74—Nas livrarias de Joaquim Maria da Costa; Cruz Coutinho, Loyos, e nas principaes.

EM LISBOA—Na CASA CATHOLICA, do snr. Silvestre Castanheira, rua Augusta 178 e 180. (Unico depositante).

EM GUIMARÃES—Na livraria Internacional de Teixeira de Freitas.

EM BRAGA—No estabelecimento de sola dos snrs. Faria, Ferreira & C.<sup>a</sup>, largo de S. Francisco, 9.

EM LAMEGO—Na livraria do snr. Azeredo.

# Historia Biblica

OU NARRATIVAS DO

## VELHO E NOVO TESTAMENTO

Illustrado com perto  
de 200 estampas

Edição em vulgar, offerecida ds escolas  
e ds familias portuguezas

POR

D. ANTONIO DE MACEDO COSTA  
BISPO DO PARÁ

Esta obra que foi benevolamente acolhida por Sua Santidade Leão XIII e tem sido approvada por varios membros do Episcopado de todas as nações, é o melhor compendio para nas escolas se estudar a llistoria Sagrada, e é um bello livro para ler e meditar em familia.

E' um volume de 293 paginas, hem cartonado, e custa, franco de porte, 400 rs.

Faz-se abatimento para collegios e casas de educação, que comprem mais de 5 exemplares.

Pedidos, com a importancia, a Teixeira de Freitas—Guimarães.

## JESUS VIVO NO PADRE

### CONSIDERAÇÕES

Sobre a excellencia e santidade do sacerdote  
PELO REVERENDO PADRE MILLET, DA COMPANHIA DE JESUS  
Versão da terceira edição franceza pelo Rev. Padre M. M. d'Almeida, offerecida ao Em.<sup>mo</sup> snr. CARDEAL D. AMERICO BISPO DO PORTO e a todo o Venerando Episcopado Portuguez  
Com approvação do Em.<sup>mo</sup> Cardeal-Bispo do Porto, Arcebispo de Mitylene, Arcebispo de Perga, Bispo d'Angra, Bispo do Algarve, Bispo de Lamego, Bispo de Bragança, Bispo de Vizeu, Bispo da Guarda, Bispo Conde, Bispo de Beja.

José Fructuoso da Fonseca. Editor

Preço, 700 reis—Pelo correio, 750 reis

Vende-se na administração do «Progresso Catholico» em Guimarães e no Porto na administração da «Palavra».

# HISTORIA DE SANTA MONICA

PELO ABBADE BOUGAND

Vigario Geral de Orleans

Traduzida com a permissão do auctor em 1884 pela

**VISCONDESSA DAS NOGUEIRAS**

2.<sup>a</sup> edição portugueza

Em meio do grande cataclismo que ameaça de perto a sociedade, não conhecemos nada que melhor possa deter a onda destruidora, levantada pela descrença, do que a educação, ministrada aos filhos pelas mães christãs. Dae ás creancinhas uma mãe, e dae a essa mãe o temor de Deus, e a sociedade futura será outra que não a actual.

Mas para que as mães tenham o verdadeiro temor de Deus, para que ellas saibam ser mães e as educadoras de seus filhos, forçoso se torna que ellas aprendam com as grandes mães, que conheçam os magnificos modellos que tem de imitar. Essa grande mãe, esse perfeito modelo das mães offertamol-a aos nossos leitores e ás leitoras principalmente na mãe de Santo Agostinho, em Santa Maria, cuja historia vamos publicar em 2.<sup>a</sup> edição, tentando com isso prestar um grande serviço á sociedade, e ás patrias letras.

Se nós conseguissemos que este livro entrasse em todas as casas, fosse lido por todas as mães, por todas as filhas; que se desse ás creancinhas,

que o lessem as meninas nos collegios. oh! que grande serviço prestado, que fonte de bens para a humanidade! Mas será o que Deus quizer, o livro está no prelo e temos esperanças de que se espalhe bem, como merece.

Formará um volume de 400 paginas approximadamente, e será impresso em bom papel, bom typo e em elegante formato em 8.<sup>o</sup>

A 1.<sup>a</sup> edição custou 15000 reis, mas nós, querendo fazer larga propaganda, e facilitar a sua posse a todos os nossos leitores, estabelecemos o seguinte:

Quem subscrever para esta obra monumental, custará apenas

**500 rs., franca pelo correio**

Depois de concluida a publicação, os poucos exemplares que restarem, custarão **500 reis**. Escusado será dizer que fazemos esta edição em harmonia com muitos pedidos que já temos e contando com a cooperação de todos os nossos bondosos assignantes.

PADRE JOÃO CROISSET

## ANNO CHRISTÃO

OU

**Exercícios devotos  
para todos os dias do anno**

Approvado e recommendado pelo Em.<sup>mo</sup> Sr. Cardeal Bispo do Porto e pelos Ex.<sup>mos</sup> e Rev.<sup>mos</sup> Srs. Arcebispo de Braga, Primaz das Hespanhas; Bispo da Guarda; Bispo de Vizeu; Bispo de Angra do Heroismo; Arcebispo de Mytilone; Bispo do Funchal; Arcebispo-Bispo do Algarve; Bispo de Bragança; Arcebispo titular de Perga, coadjutor com futura successão do arcebispo de Evora; Bispo de Beja; D. José, Cardeal Patriarcha de Lisboa; D. Antonio, Arcebispo Metropolitano de Gôa e Primaz do Oriente; Bispo de Lamego; Arcebispo da Bahia e Bispo das Thermopylas e Prelado de Moçambique.

VERSÃO PORTUGUEZA

DO

**P.<sup>o</sup> FRANCISCO MANOEL VAZ**

*Antigo missionario da Africa Oriental*

Está concluido o 3.<sup>o</sup> volume d'esta importantissima publicação, e continúa com toda a regularidade a distribuição do 4.<sup>o</sup> Recebem-se ainda assignaturas aos volumes ou cadernetas, sendo as condições as seguintes:

1.<sup>o</sup> volume por assignatura 15600, avulso 25000 reis.—2.<sup>o</sup> volume por assignatura 15800, avulso 25000 reis.—3.<sup>o</sup> volume por assignatura 15700, avulso 25000 reis.

Accresce o porte do correio.

Pedidos com a importancia a Teixeira de Freitas—Guimarães.

## HISTORIA POPULAR DOS PAPAS

DESDE S. PEDRO ATÉ NOSSOS DIAS

POR MR. CHANTREL

Versão portugueza, por Antonio José de Carvalho

Approvada e recommendada ao Clero da sua Diocese pelo Em.<sup>mo</sup> Sr. Cardeal-Bispo do Porto, e approvada pelos Ex.<sup>mos</sup> e Rev.<sup>mos</sup> Srs. Bispos de Angra do Heroismo, Funchal e Lamego

2.<sup>a</sup> EDIÇÃO

Está distribuido o 2.<sup>o</sup> volume aos snrs. subscriptores, em harmonia com o programma da publicação, e breve será enviado o 3.<sup>o</sup>, a todos que antecipadamente enviarem a sua importancia.

Subscrição permanente

Preço de cada volume, por assignatura . . . . . 15200

Para os assignantes do «Progresso Catholico», que tenham pago a sua assignatura, 900 rs.—Depois de concluida a publicação, custará cada volume 15500, ou 65000 rs. a obra completa—4 volumes. Não se envia volume algum sem que seja pago anteriormente. Assignatura e importancia, a Teixeira de Freitas—Guimarães.

## O PROGRESSO CATHOLICO

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente—Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 15000 reis—Estados da India, China, e America, 15220 reis, moeda portugueza—Numero avulso 100 reis.

**As assignaturas são pagas adiantadamente, não se recebem por menos de um anno, e este principia em 30 de Outubro**

Toda a correspondencia dirigida a Teixeira de Freitas—rua de S. Damaso, 5 a 9—Guimarães